



# UFRB

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

## REITOR

Paulo Gabriel Soledade Nacif

## VICE-REITOR

Silvio Luiz Oliveira Soglia



Editora UFRB

## SUPERINTENDENTE

Sérgio Augusto Soares Mattos

## CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Cristina Silva Valentim

Carlos Alfredo Lopes de Carvalho

Fábio Santos de Oliveira

Ósia Alexandrina Vasconcelos Duran Passos

Rosineide Pereira Mubarak Garcia

Sérgio Augusto Soares Mattos (presidente)

## SUPLENTES

Ana Cristina Vello Loyola Dantas

Geovana Paz Monteiro

Jeane Saskya Campos Tavares

## EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

*Camilo  
César Alvarenga*

*sombros*

[Arquipélago de impressões do real. Breviário]



Editora UFRB

*Cruz das Almas – Bahia  
2012*

Copyright©2012 by, Camillo César da Silva Alvarenga .  
Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB

Projeto gráfico, capa  
e editoração eletrônica:  
Zimaldo Melo

Revisão, normatização técnica:  
Camillo César da Silva Alvarenga

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme  
decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A473e Alvarenga, Camilo C. da S.  
Escombros / Camilo C. da S. Alvarenga. –  
Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012.

92 p.

ISBN 978-85-61346-24-9.

1. Poesia 2. Literatura brasileira. I. Título

CDD 869.1



Editora UFRB

Campus Universitário  
Rua Rui Barbosa, 710 – Centro  
44380-000 Cruz das Almas – BA  
Tel.: (75)3621-1293  
gabi.editora@ufrb.edu.br

## *A gradecimentos*

ID EST.

7 anos depois...

**Ao passo que o tempo adianta-se, somos arrastados unto com ele. Em homenagem todos que passaram e permanecem na minha vida até hoje, e em especial a**

minha Dinda Maria Lúcia Sacramento  
que me ensinou o valor da memória.  
ao espectro do meu avô Augusto Moreira da Silva.  
a minha mãe Dalva Lúcia, vovó Mida e  
Tia Lia a "santíssima trindade" feminina em minha vida.  
a toda família.  
a Dona Dalva do Samba por fazer do poeta, músico.  
a UFEFS e seus Doutores, Roberval Pereyr, Antônio Brasileiro,  
Chico Lima, Girlene Portela, Roberto H. Seidel.  
a UFRB e seus Doutores Luís Flávio Godinho, Salete Nery e  
à memória de Marcelo Masset Lacombe (Orientador).  
a Editora da UFRB na pessoa de Sérgio Matos.  
ao mestre Adriano Oliveira que deu oportunidade  
à realização do presente projeto gráfico.  
ao Coletivo Senzala por tudo, todos e todas...  
a Debora Bittencourt com quem dividi a maior parte do tempo  
em que se gestava, em mim, Sombros.  
a galera da Escola Pública pelos momentos  
de composição e criação musical e audio visual.  
a Manuela Hernandez Martinoya em alguma parte  
do deserto do Atamaca; no Chile e no mundo  
a Daniela Fernandes que acreditou na concretização deste livro.  
a Zimaldo e Vaneza Melo pela confiança e realização deste projeto.



## *Prefácio*

### **Desordem, desalinho, anti-estrutura e destroços**

DAYANNE PEREIRA

Nesse livro você não vai encontrar a simetria das formas comuns nem a ordem lógica das imagens mentais. Tudo aqui são presságios e fragmentos de algo em constante construção, mas que em processo, está em desordem, desalinho e destroços de palavras.

Sombros está dividido em três livros, apêndice e anexo que também contém poesias. Essa estrutura não é por acaso, os nomes dos livros sugerem um enquadramento dicotômico e contraditório, pois não condiz com o seu conteúdo: categorias versus consequências e formas versus fluídos.

No Livro I – Das categorias e outras consequências, Camillo César permeia temáticas que estão distantes de se homogeneizarem em categorias, mas são consequências das categorias que formamos em nosso universo temporal e abstrato cotidiano. A teoria que não condiz com a realidade, a mais-valia tecnológica que temos nas entranhas de forma subjetiva e corrosiva e para finalizar o capítulo, um poema que revela

o momento mais íntimo de parto poético e seus sentimentos mais obscuros.

No Livro II – Das formas e dos fluídos, o poeta inicia em “Antítese de si”, com uma crítica aos filósofos, mas os outros poemas fluídos ficam para a interpretação de cada um, cada fluído deve ter sabor próprio de acordo com a degustação de cada leitor.

No Livro III, a poética permeia espaços que vão desde a poética analítica, o não consolo da poesia, o fazer do escritor, entre outros estilhaços que fazem refletir sobre o tempo, a poesia e a contribuição dos filósofos para a humanidade.

No Apêndice, lembranças enigmas e fronteiras esperam para ser decifrados. Na última parte do livro, chamada Anexo, mas que no contexto do livro não tem essa função, o poeta faz uma homenagem ao rio Paraguaçu, que banha a sua cidade natal. Enfim se deliciem em conhecer os Sombros de Camillo César que com fragmentos de abstração desenvolveu essa obra que pode te levar às ruínas de palavras que incitam a reflexão.

Dayanne Pereira é jornalista, mestranda em Comunicação e Cultura Contemporânea na Universidade Federal da Bahia (UFBA), vinculada a linha de pesquisa Análise de Produtos e Linguagens da Cultura Midiática e integrante do grupo de pesquisa em Análise Crítica da Mídia e Produtos Midiáticos (Analítica) e do grupo de pesquisa Análise do Discurso e Mídia (CEPAD).



## *Preâmbulo*

Eis os Abismos da mente, a mosca num vôo sem ritmo. Cega vaga em busca de fazer zumbir a grade, flecha acesa disparada... A lira não respira, habita o terrível trono em torno de estranhas estrofes, Poética das entranhas, das vísceras extraída, das ruínas do ser erguida, pousada sombra nos scombros, de onde avista mais e mais scombros...

O Arquiteto da Destruição contempla pólvora, pó e cinzas, tudo fumaça, esquecimento enquanto vê brotar do totem a sua última habitação: o refazer-se constante. Uma geniosa e insone constelação de versos de onde se parem e partem os pensamentos em busca da Eternidade, do Absoluto esse tudo-nada que consome.

Em busca da Origem universal, da gênese cósmica oferta-se um frio desdém ao Éden, pois o que se busca está muito Além do Inferno ou Paraíso... É o Universo! O único verso capaz de nos recriar e a vida. É preciso então o Ocaso desta Idéia apodrecida por milênios... E assim arrastados por esse Espírito embriagado pela Loucura Universal do Ser, rejeitemos a sombra desse deus antigo e aceitemos a imanência do "Eu".

É sem alcance esta âncora, este naufrágio em si, estranhamente como um peixe a cortar as dimensões abissais até encontrar o gen universal dos pensamentos fazendo reverberar e "ascender" as sílabas emergindo em versos. No Caminho ao atravessar os pórticos da linguagem, as fronteiras da expressão entre "luz e som" da qual o Poeta é um eterno forasteiro, contempla toda tecnologia de todo espírito estrangeiro em seu próprio "corpo", este caixão de ossos em que a alma muito além de si alçada alcança a transfigurada forma de existência. Através do rompimento com o ritmo original atinge-se a transubstanciação do som, do fonema, da sílaba, da palavra, do verso ao Poema, enfim a consumação da Poesia e não a imitação da vida, mas sim a sua mais fiel realização, pois a Arte não precisa de crítica, precisa de artistas. Desenrola uma moderna tradição entre o Poeta e a Poesia, entre criador e criatura traduzindo a arte como o delirante momento em que através da "Arte Suprema", a Poesia, o Artista cria e recria o homem e a humanidade.

Só nos resta ficar entregue a ensandecida diacrítica capaz de nos participar o plástico-acústico de imagens e melodias conduzidas para tudo aquilo que nos é ofertado, o incessante enigma da Eternidade.

# Sumário

---

Sombros	13
Transmissão 1:	14

---

## Livro I

### *DAS CATEGORIAS*

### *E OUTRAS CONSEQÜÊNCIAS*

A casa da aldeia	18
Destroços de uma teoria	19
Mais-Valia Abstrata	20
Tarefa ainda cumprida	21
Escritório	22
Livro	23
De ogam a máscara	24
Vigília	25
Armagedon	26
[[{ S,...?}]]	27
Cântico	28
Arca	29
Eis, que interpõem-se o poeta	31

---

## Livro II

### *DAS FORMAS E DOS FLUIDOS*

Antítese de si	34
Deuses,	35
Poema	36
'Sferas Outras	37
Prónóticos	38
Academia de filosofia (Ou O pêndulo)	39
Rebanho de estrelas	40
XIII	41
Logopéia	42
Do arsenal do não ser-se	43
Labirinto do naufrago	44
Poemas sinfônicos	45
Exercício lírico	46
O ser levita	47
Tornou-se cais o caos	48
Amarelescendo-se	49
Poétiquântica	50

A urna cinza	51
Entre a pena e a lei	52
Jurassic Park	53
Aos belos montes	54
Rai cai	55
Perfeita imperfeição	56
XVI	57
X	58

---

## **Livro III**

### *PÓS-POETA*

Poeticanalítica	63
A senzala	64
É esta poesia que não consola	66
O Futebol	67
Enquanto aquele sustém	68
Em pixels e usb	69
Jueves, 10/06/2010	70
Aperfeiçoar o espírito	
e/ou aproximar o ser do tempo	71
No último dia	72
Escritor	73
Expurgação	74
Aqueles aquém os filósofos	76
Humano, ser,	78

---

### **Apêndice**

Obra prima desconhecida	80
A	81
Às fronteiras	82
Despeja o enigma	83
Lembrança futura	83

---

### **Anexo**

Fatalismo acientífico	85
Fatalismo acientífico	85
Líricoisas	86
14 Estações para Valquíria.	87
Canto em duas Cordas para o vale do Paraguaçu	88

# Sombros

Quando quis o paraíso  
já o havia perdido...

*Num céu de estrelas despido*

Dorme o verso, no berço,

*nos braços do Universo...*

O pensamento corta esta metálica muralha,  
esquecimento.

Olhai este torpedado entorpecido

*Cruzando o oceano amanhecido...*

O que h'além das letras?

É preciso domar o dom, inventar estrelas,

Ter um punhado mísero de letras, a desmaiar,

*[em minhas mãos*

Desperta ó canção!

*Desfaz o Caos no coração do*

Infinito...

700 e setenta e sete sonetos

*malescritos...*

E este verso já foi tantos,

*tantos...*

E das trevas de outrora

*Só resta,*

Os sombros de agora

## Transmissão 1:

Mas se ainda findar o mundo,  
Estarei eu, pequenino e desnudo,  
Ante a lâmpada do pequenino totem  
A laborar o enigma dos números

Reflexos reverberando restos  
No amanhã, precipitada previsão  
Dos caminhos, como quando  
O caos põe fim a esse planeta

Cortariam as montanhas as ovelhas  
Levando a sede às lagoas  
E da cancela esmaecida

Amadurace a manhã,  
No arrasto das carroças que  
cargueiam carcaças de caranguejos

r o mundo  
no e desnúdo  
o pequenino tótem  
a dos numeros

ndo restos  
bitada previsão  
no quando  
esse planeta

tanhas as ovelhas  
s lagoas  
aecida

nhã,  
rroças que  
as de caranguejos







# A casa da aldeia

É não só minha esta aldeia,  
Fingo-me esfinge, nau noturna  
Cortando imensidão soturna,  
Alastro um rastro pela areia,

Argonauta das profundas regiões  
Do invento das galáxias, trono  
que não alcançarei, onde reina  
a infância e ninguém é rei.

Poluo-me de cotidianos outros,  
Lamento não ter nascido  
Ocupo espaços ociosos, logo  
se corrompe a estrutura.

No ar de longe desponta,  
Da antiga casa construída,  
Ainda quente, o lampião  
atroar.

## Destroços de uma teoria

Tempos em signos de luas  
Dissolvendo noite em dia  
Psicodélico o pensamento.

A pomba planta sementes  
nas nuvens...  
Ninhos seus scombros escondidos  
Imperfeito labirinto o da idéia...

Varias vozes zanzam, zumbem  
Nas esquinas, teus cabelos-  
Chuva, sambam, enxugam

Sempre novidades, dissonante a-  
Corde qual ontem; E a teoria  
Não mais sustém precária realidade.

# Mais-Valia Abstrata

Mais nunca

Um gesto,

Uma testa franzida,

Uma expressão fortuita

Devagar...

Devaganeando mirantes

De céus em chama imerso

A natureza em si

Transtorna,

Midiáticos instrumentos

Almas Alienam

Subjetividade informacional

Tecnologia das idéias produzindo verdades.

Mais nunca  
Um gesto,  
Uma expressão fortuita  
Devagar...  
Devaganeando mirantes  
De céus em chama imerso  
A natureza em si  
Transtorna,  
Midiáticos instrumentos  
Almas Alienam  
Subjetividade informacional  
Tecnologia das idéias produzindo verdades.

# Tarefa ainda cumprida

Almas mil emaranhadas,  
Em buzinas e sirenes  
Antes tão desafinadas  
Quanto descontentes.

Não ser só somente  
Na estante um título  
E além astro ardente  
Do último capítulo

Da herança de Catulo  
Foge qual Sísifo  
Ameaça um pulo  
E apaga o hieróglifo

Na próxima quadra  
Mistifica a fumaça,  
Escapa da esquadra,  
Bando que avança.

Mente que não cansa  
Tarefa muito repetida  
De quem acha esperança  
Volta ao ponto de partida.

Eis que aqui,  
 Ante o murmurar tranqüilo,  
 Ciclópico intervalo  
 No espaço deslocado

## Escritório

Em líquida viagem

Eis que aqui,  
 Ante o murmurar tranqüilo,  
 Ciclópico intervalo  
 No espaço deslocado

Formas cavaleares

As redes de alta tensão.

Em líquida viagem  
 A remorsosa região;  
 Formas cavaleares  
 As redes de alta tensão.

Cumprimento Castro, companheiro.

Nos versos como a natureza em  
 Três riachos,  
 O resto, retrato de família.

Nos versos como a natureza em

Três riachos,

Inspiração?  
 Só cá nos bureaus de tabaco.

O resto, retrato de família.

Inspiração?

Só cá nos bureaus de tabaco.

# Livro

Livre

de fins estéticos,

Mapas

perdidos nas capas

Veículo que o homem transporta...

Manipula fibras,

Cânhamo para papéis, bibliotecas.

O pão cozer no barro,

Ainda no prelo,

Decodificar tratados

Mercadoria que vence o tempo

Alarga o espaço.

Nem Marx saberia

contar como caíram

seus imensos manuscritos

em grego e latim.

Gutenberg,

triplifica pelas páginas o mundo...

Dinâmicos e atuais

Nas ondas, nas telas,

As massas comunicam.

Não superam escrita a palavra,

Orgânica e plástica

# Do ogam a máscara

Nunca me estive aqui,  
Eu, o crepúsculo que anda...  
O Poeta não vai a conferências.

A líquida planície amanhece...  
Não há por assim dizer  
Poema feito a novidade,  
Não tentes  
É inútil toda tentativa.

(Passar-o-hálito  
que mergulha e sonha,  
prescrever o silêncio anterior  
aos meus sentidos.

Mais vasta majestade descalça  
Deitada no cume da serra  
Como se de outras eras  
Pousado houvera nos séculos  
ao prelúdio do acontecido  
que os átomos explodem.)

Como quando um cão  
Os lábios lambe, e  
Febo pôr-do-sol a máscara,  
Palavras coágulos em tua boca  
E olhos em plácidos langores,  
Em coma teu corpo.





Trago o gênio na algibeira

# Armagedon

Desfeito em azul fumaça.

Eu, Aladin sem lâmpada  
Trago o gênio na algibeira  
Desfeito em azul fumaça.

Herança interrompida,

Herança interrompida,  
Devastada,

Longa estrada,

Longa estrada,  
a vida.

Sois vós em outras peles,

Sois vós em outras peles,  
Camaleônica estrutura.

Desce do sol o arrebol,

Desce do sol o arrebol,  
Mistério inconsútil,  
Empresa inútil  
Essa tal natureza.

Não há culpa em ser;

Não há culpa em ser;

Livre só em Plutão,

Livre só em Plutão,  
Terra que não existe.

Desce do sol o arrebol,

Mistério inconsútil,

Empresa inútil

Essa tal natureza.

Não há culpa em ser;

Livre só em Plutão,

Terra que não existe.

mentira sincera,

Que a lei das esferas

**[({ S,...?})]** Esfacela e se ignora.

Saber amar a sorte,  
mentira sincera,  
Que a lei das esferas  
Esfacela e se ignora.

Não, ainda não é hora, de ver

Não, ainda não é hora, de ver  
o quanto do mal se apavora  
e o bem d' alma vai embora.

Mar em lama, pantanoso  
Abismo, que ronde em volta  
De si mesmo

Mar em lama, pantanoso

Eterno ermo,  
Acerto disperso em erros,  
Me transmuto, pós-luto  
E desterro.

Abismo, que ronde em volta  
De si mesmo

Mais um capítulo encerro.  
E não sendo mais sincero,  
disfarço as máscaras.

Eterno ermo,  
Acerto disperso em erros,  
Me transmuto, pós-luto  
E desterro.

Mais um capítulo encerro.  
E não sendo mais sincero,  
disfarço as máscaras.

# Cântico

Os cânticos em série  
in perfeita ordem,  
E o que para de ranger  
Só depois dos ossos

Moer, na tua intrépida  
Letargia,  
Cefaléia, gravidez?  
Lombalgia?

O todo ao derredor se transforma,  
toma tantas outras faces,  
de si disfarces.

Não eu, seria mesmo aqui,  
Diante do reflexo vermelho,  
esquadrinhando as sombras  
e o estilhaço do espelho

que desprende da mandíbula  
a tragar o crepúsculo,  
impotente músculo,  
osculando em amplexos,

reverberando conexos que  
ao ser no trapézio conduz:  
Louca argumentação...

Depois de ouvir as bachianas  
Saberei só o sabor das eras  
Desterrando alquímicas quimeras  
Eclipsando o apocalipse nas almas...

# Arca

Ali a uma igreja escrita  
Acima do centro  
E outdoors atravessando a paisagem.

Eu, não escrito, divago  
precipícios sobre um mar vago,  
essência, angústia que deforma,  
Terror que apavora.

Agora ora. Só o que lhe resta,  
Tire essa marca da testa  
E inventa o impossível, rio  
As margens, qual pétalas, rocios.

Um assombro absurdo, no estômago  
um urso, pulmão do discurso,  
Imagens de plástico.

E em meu ser elástico  
As formas tomam cores vagas,  
E estendem-se depois das vagas.



É longo o canto, a vida breve,  
Pois que então poeta, escreve.

Antes que o pecado te revele  
E nem mesmo a mãe te vele

neste instante derradeiro.  
Há-de ser-se por inteiro

Do ventre escuro dos céus,  
Brotam outros tantos eus...

Quem há de vencer-se,  
Render ou perder-se?

Durante um quanto tempo  
Corta o céu um pensamento

Qual folha de papel em branco.  
Eu, cá em baixo, sentado no bar

Pensamentando, o que não vi,  
O esquecimento que venci.

É longo o canto, a vida breve,

Pois que então poeta, escreve.

# Eis, que interpõem-se o poeta

Antes que o pecado te revele

É longo o canto, a vida breve,  
Pois que então poeta, escreve.

E nem mesmo a mãe te vele

Antes que o pecado te revele  
E nem mesmo a mãe te vele

neste instante derradeiro.

neste instante derradeiro.  
Há-de ser-se por inteiro

Há-de ser-se por inteiro

Do ventre escuro dos céus,  
Brotam outros tantos eus...

Do ventre escuro dos céus,

Quem há de vencer-se,  
Render ou perder-se?

Brotam outros tantos eus...

Durante um quanto tempo  
Corta o céu um pensamento

Quem há de vencer-se,

Render ou perder-se?

Qual folha de papel em branco.

Eu, cá em baixo, sentado no banco

Durante um quanto tempo

Corta o céu um pensamento

Qual folha de papel em branco,

Eu, cá em baixo, sentado no banco

Pensamentando, o que não vi,

O esquecimento que venci.

Pensamentando, o que não vi,

O esquecimento que venci.







# Antítese de si

Os filósofos não sabem nada  
Nem da razão a estética  
Se não fosse a invenção da ética  
Estariam sem trabalho.

Falo de tempos imemoriais,  
De minha deficiente lingüística  
Se não fosse característica  
Mais banal e vulgar.

Depois da líquida viagem  
A universos em buracos negros  
Vejo sempre mais espaços neutros  
Cavernas onde habitam-me eutros.

Hematofagia das horas, que num  
Crepúsculo cheio de auroras  
A natureza mais uma vez é triste,  
Não se sabe que existe.

E a dislexia povoa a depressão  
de tua imaginação. Núcleo cosmo  
polita, dissolvido na memória  
- mar de mármore que irrompe a história.

Antropologia das civilizações pós-modernas...  
e as cidades também são eternas  
antíteses de si mesmas.

# Deuses,

Improviso sobre o impossível.

Os deuses da chuva desceram a meus pés

E disseram: É inútil esta empresa

Se no perfume não há beleza.

A queixa contraria toda natureza

Em busca de uma única chama acesa

Pois que do céu, em scombros despido,

Na cela mais profunda da masmorra

Mora tua terrível resposta. Aposto

Ainda que em balde morra assim

Sem uma lágrima, uma ponta de

Razão ou esperança que lhe valha um só sentido  
Como a manhã nascendo nos olhos duma criança

# Poema

O  
Diabético, seu membro amputado,  
Perfuma em seu Dannemann  
Os corredores do sobrado.

Na barçaça a carçaça da criança  
Arde, seria-lhe cortar o rio a nado,  
Terraços d'estrelas salpicados  
teus telhados...

informe na instância  
que vapora...  
dissolvida substância,  
que no nada se deforma,

Qualquer miragem sem ortografia...

O segredo sidéreo  
Em meio ao nevoeiro,  
enciclopédico animal  
sem óculos,  
Revelar o etéreo...

O  
Diabético, seu membro amputado,  
Perfuma em seu Dannemann  
Os corredores do sobrado,  
informe na instância  
que vapora...  
dissolvida substância,  
que no nada se deforma,  
Qualquer miragem sem ortografia...  
Revelar o etéreo...

Na barçaça a carçaça da criança

Arde, seria-lhe cortar o rio a nado,

Terraços d'estrelas salpicados

teus telhados...

informe na instância

que vapora...

dissolvida substância,

que no nada se deforma,

Qualquer miragem sem ortografia...

O segredo sidéreo

Em meio ao nevoeiro,

enciclopédico animal

sem óculos,

Revelar o etéreo...

# ‘Sferas Outras

Germina 'sferas outras Germina 'sferas outras

as raízes,

as raízes, De quando éramos

filhos dos netos

De quando éramos dos antepassados.

filhos dos netos Pois que

Nada conheço além

dos antepassados. Dum alegórico renque fraturado

de metáforas.

Pois que Rompidos os laços, a tradição,

Trai o tempo, fazê-lo escorrer

na contra mão do previsível.

Nada conheço além

Dum alegórico renque fraturado

Na Urbe,

Distante no Cosmo,

arde a tarde em Petrópolis...

de metáforas.

Rompidos os laços, a tradição,

Trai o tempo, fazê-lo escorrer

na contra mão do previsível.

Germina 'sferas outras

as raízes, De quando éramos

filhos dos netos dos antepassados.

Pois que, Nada conheço além

Dum alegórico renque fraturado

de metáforas.

Rompidos os laços, a tradição,

Trai o tempo, fazê-lo escorrer

na contra mão do previsível.

Na Urbe,

Distante no Cosmo,

arde a tarde em Petrópolis...

Na Urbe,

Distante no Cosmo,

arde a tarde em Petrópolis...

# Prónóticos

Começa com Eu  
Depois Tu chegas  
Aí vem Ele atrás  
De Nós, e só o que resta  
Depois que Vós se vão,  
São Eles...

Começa com Eu

Depois Tu chegas

Aí vem Ele atrás

De Nós, e só o que resta

Depois que Vós se vão,

São Eles...

há uma tempestade  
no atro do teatro  
desfazendo tua face.

# Academia de filosofia (Ou O pêndulo)

há uma tempestade  
no atro do teatro  
desfazendo tua face.

vaiemos o último ato;  
caixas-eletrônicos filosofam  
pirotecnia na academia,

e se o dinheiro  
existe ou não.

antropofagia da civilização  
cálculo infinitesimal.

A humana condição  
é a transgressão transcendental!

fuga da fulgás região  
sem possível rastrear-me

vestindo o hábito de fumaça  
superar a crença na história,

distorcê-la.

# Rebanho de estrelas

sombra que alonga-se

na doente harmonia

Do rastar de chinelas

Reunião mística de acentos

neste Kant(o) hermético(elétrico)

De luz e som, de pus e dor...

Voltar a ser essência da canção

Entorpeço-me a não lembrar

O Poema infinito do universo

Nunca escrito na transestrelar

distância

Entre

deus

e

eu.

Na extensão transatlântica,

D'aturdida realidade

No crepúsculo alucinado

Do fim dum doido dia de horas nervosas

Viagem absmística

No eco criador destes efeitos

Embriagados,

alma e pensamentos,

na delícia derretida na memória

outrora...

no gosto do perfume de



**XIII**

Há versos que não de chegar  
Bêbados

Quais cegos pássaros  
Pousando ignotos destinos,  
Remoto endereço,  
a poesia.

Orquestra negra de tambores,  
Sinistrícas visões que se esbarram...

Signos polifônicos  
polissêmicos  
policrômicos

Pluriformes armas da civilização,  
Legendárias...

Não alcançam terrível  
região  
lírca de permuta,  
instante atormentado

onde ecoa cícioso

o canto do ócio  
estrangulado, suicida  
que dispersa-se nas sobras...  
Turbilhonado no vulto das multidões...

# Logopéia

Ao nó do ritmo desfeito, estranhas,  
Pelo espaço desfeito, estranhas,  
Estrofes se me vem das entranhas,  
Do pantanoso abismo...  
Pelo qual a pena rediviva:

Ao nó do ritmo rompido  
Pelo espaço desfeito, estranhas  
Estrofes se me vem das entranhas,  
Do pantanoso abismo.

O poeta espanta o pássaro!  
Além dos pensamentos  
Descansam regiões cerebrais...

Uma flor a brotar no hipotálamo...

Só um verbo me basta  
Um só  
Pelo qual se sobreviva  
Pelo qual a pena rediviva.

# Do arsenal do não ser-se

Em casa,  
Infectei-me  
Com a linguagem hospitalar.  
Não sei mais ser-me  
O que ou...

É passado o presente de outros  
Sou o futuro do amanhã,  
Toda noite reescrito,  
Transfigurado

Oceano sem barco  
Solidão atlântica  
[que se faz destino.

Transfigurado  
Oceano sem  
barco  
Solidão atlântica  
[que se  
faz destino.

# Labirinto do náufrago

Talvez

quem sabe

outrora seja,

e eu enfim

Te reveja,

Aurora engravidando

O mar...

E tuas crinas

de pérolas de prata e azul

Pétalas de polium

Parando os ventos e as ondas...

Onde andas, poesia?

Melhor metade de mim mesmo

Confuso equilíbrio

de

mim em ti.

A mórbida movia os braços

no corredor,

o traste desafinou,

desceu um tom,

Eis que preciso do mar o dom,

Oceano enigma de letras –

Pois que é preciso furtar os ninhos

e desaguar

em

correntezas

[Quero-me náufrago

Num labirinto de crisálidas acesas.

# Poemas Ante sinfônicos mim e

Sobre como mudar o mundo  
À inspiração de Heitor Villa Lobos

Tão pouco inda me resta

De tudo acabado

Ante

a mim

Um planeta devastado

Uma multidão de cérebros

Por evoluir.

A paus e pedras

Se digladiam os homens

Enquanto coiotes devoram

Os que ainda sobrevivem,

Farejando nosso sangue

Como um rastro de rosas,

Há quilômetros...

Nas legiões dos desertos  
 Mulçumanos, onde deixamos  
 de ser mais humanos,

foi aí

que a poesia **Exercício lírico**

te

consumia, poeta,

era o

que

manchava as areias dos perdidos cadernos  
 onde os homens já não

são eternos

nem meus exércitos de sonhos.

Nas legiões dos desertos  
 Mulçumanos, onde deixamos  
 de ser mais humanos,

foi aí

que a poesia

te

consumia, poeta,

era o

que

manchava as areias dos perdidos  
 cadernos

onde os homens já não

são eternos

nem meus exércitos de sonhos.

Mais nunca eu aqui

Me exilei na poesia

# O ser levita

Pausada sílaba,

Mais nunca eu aqui

pesada

Me exilei na poesia

em

Pausada sílaba,

pálidas estrofes

pesada

Pariste das entranhas

em

pálidas estrofes

Pariste das entranhas

Elásticas, elétricas, estranhas

Jaz no apartamento

O solitário

pensamento,

No atro abandonado

de meu coração

O não-Ser-se agora

esse bando disperso de ilhas

na amplidão de tua imaginação...

Falemos a linguagem das máquinas!

Ser de tudo antes lírico,

Antídoto

de etílicos momentos...

Bitucas queimando os filtros,

dos litros longe,

Da dúvida... Dos barris,

Da dúvida...

O não-Ser-se agora  
esse bando disperso de ilhas  
na amplidão de tua imaginação...  
Falemos a linguagem das máquinas!  
Ser de tudo antes lírico,  
Antídoto de etílicos momentos...  
Bitucas queimando os filtros,  
dos litros longe,  
Da dúvida... Dos barris,  
Da dúvida...

Ousar talvez

Alcoolizar

o tempo...

Algazarra de letras,

Alfabeto inteiro sem

Nem hiatos entre vogais

do ego

do eu.

Em meio ao tumulto e Revolta das multidões

Homens-peças na superestrutura de poder.

## Tornou-se cais o caos

Ousar talvez

Alcoolizar

o tempo...

Algazarra de letras,

Céleres piadistas,

Alfabeto inteiro sem

vogais

Nem hiatos

entre

a Ideologia

do ego

e

do eu.

Em meio ao tumulto e Revolta das multidões

Homens-peças na superestrutura de poder.



# Amarelescendo-se

A barriga do burguês

sorri para tv,

e a nicotina nos teus dentes.

A barriga do burguês

sorri para tv,

e a nicotina nos teus dentes.

# Poétiquântica

de minhas ruínas...

Ética?Pó  
de minhas ruínas...

Pelo esgoto escorre o fôlego  
Rio de vermes em versos  
carregando a canção que morre  
Antes que se esgote o cântaro.

Já não prende-se  
ao corpo  
abandonado espírito  
Insano, doentio.

Apagou-se o fanal, o farol estrelar  
Ó numero, ó nume infinito  
Teu nome a perturbar-me o pensamento,  
Encarcerado no soneto, este pobre apartamento,  
Quer reter o espírito perdido.

Elevar-se o verso a lógica do absurdo  
Compor algo confuso como o tumulto

Apagou-se o fanal, o farol estrelar  
Ó numero, ó nume infinito  
Teu nome a perturbar-me o pensamento,  
Encarcerado no soneto, este pobre  
apartamento,  
Quer reter o espírito perdido.  
Elevar-se o verso a lógica do absurdo  
Compor algo confuso como o tumulto

# A urna cinza

...depois de inocentes doses de um doce Bacardi  
 É preciso tomar o barco e rumar outro porto...  
 2008-03

A só pra li, seu bafo sulfuroso da Báquica orgia  
 Que sem paz erige este que jaz e já nã(o)mora ...  
 Descansa no úsculo átomo este gen, helicoidal  
 arquitetura da inconstância; emparedada, a idéia

se transmuta. Par em par, em nós quando se apaga  
 pelas mãos... Ânfora que nada seja, pó povoando as  
 ruínas, assim, sem braços desterrada, luz disforme,  
 que escorre, e nada é, perde-se nuque obumbras...

Em desespero, por desertos oceanos busquei  
 em cada porto – a fumaça – de que visto o  
 terno do sem termo, deste em milagres; pêlos

fosforescendo suor dos ermos poros de Parco  
 Mólo, trem atormentado os nervos atravessa,  
 qual Febo que habita-me ao som do arroto...

depois de inocentes doses de um doce Bacardi  
 É preciso tomar o barco e rumar outro porto...  
 2008-03



# Jurassic Park

É fatal aos homens a cidade,  
o verso veste o vento de scombros,  
Único unicórnio pairando na estepe,  
velociraptor perverso inspira o peixe  
no voo sopra seu hálito derradeiro...

Filha dos destinos, artimanhas,  
Em mim, estas estrofes estranhas...  
Sem motivo este poema, esta prece  
Que às pressas o operário escreve.

Se me descem no relâmpago  
Elásticas, elétricas... Sinistros  
Pensamentos, deus proscrito,  
Espelhos do infinito, acesa  
Imagem de mentar não cessa.

Assombram-me impossíveis sonetos  
qual escravo escrevo sem descanso...  
os pensamentos estridentes êmbolos  
passam como peixes trêmulos  
A correr num rio terrível, manso.

Assombram-me impossíveis sonetos  
qual escravo escrevo sem descanso...  
os pensamentos estridentes êmbolos  
passam como peixes trêmulos  
A correr num rio terrível, manso.

"diante daquela que a montanha  
Se perturba e treme"

## V.M. **Aos belos montes**

"diante daquela que a montanha  
Se perturba e treme"

Eis que mira-se o horizonte

Rumamos em marcha ao belo monte,  
"diante daquela que a montanha  
Se perturba e treme"  
V.M.  
enquanto não estamos tão distantes.

Eis que mira-se o horizonte  
Rumamos em marcha ao belo monte,  
Ainda que não sejam os belos montes,  
enquanto não estamos tão distantes.

Ainda que não seja o bastante,  
Ainda que não venha o amanhã,  
Acendamos a matéria inanimada

Diante ao Parlamento,  
Façamos Movimento!

Diante ao Parlamento,  
Move-se a vida a seus passos  
Façamos Movimento!  
Pois sonhos não envelhecem.

Move-se a vida a seus passos  
Pois sonhos não envelhecem.

# Rai cai

A ótica,  
No Cosmo, é ver  
na notícia, o Abismo.

# Perfeita imperfeição

Acendeu-se a humana pira  
ao som soturno de noturnas liras  
O mármore desmoronou, esta casa  
Em ruínas, para além da asa .

Pomposa catedral em mármore sinistro  
Fria em vitrais e santos fúnebres  
Antiga ilha esquecida e lúgubre  
Dispersa entre os raríssimos ministros.

A Beleza e o Bem, ilusões da sorte  
Sombros, ruínas, destroços, carrossel  
Místico em desatino de palavras,

Eis o metafísico transporte:  
Balsâmica dor ensimesmada em riso  
E que ofertas infernal paraíso.

Acendeu-se a humana pira  
ao som soturno de noturnas liras

O mármore desmoronou, esta  
casa

Em ruínas, para além da asa .

Pomposa catedral em mármore  
sinistro

Fria em vitrais e santos fúnebres

Antiga ilha esquecida e lúgubre

Dispersa entre os raríssimos  
ministros.

A Beleza e o Bem, ilusões da  
sorte

Sombros, ruínas, destroços,  
carrossel

Místico em desatino de palavras,

Eis o metafísico transporte:

Balsâmica dor ensimesmada em  
riso

E que ofertas infernal paraíso.



# XVI

Existir para fora

Da possibilidade real

Do sonho.

## X

“A pena me livrará do esquecimento  
Que se vem aos homens”

A.RIMBAUD

O poeta, em punho a pena-digital...  
Tecla pela página um clique.  
Tem o peso de âncoras, poema.  
É sempre moderno o eterno.

Um nome perturba o pensamento  
Eu-coração, coliseu em ruínas  
A ti amores, uma cama infinita de flores...  
Perdi-me de Baudelaire depois do bulevar,  
Invenção simbólica do humano ser.

“A pena me livrará do esquecimento  
Que se vem aos homens”  
O poeta, em punho a pena digital...  
Tecla pela página um clique.  
Tem o peso de âncoras, poema.  
É sempre moderno o eterno.  
Um nome perturba o pensamento  
Eu-coração, coliseu em ruínas  
A ti amores, uma cama infinita de flores,  
Perdi-me de Baudelaire depois do bulevar,  
Invenção simbólica do humano ser.

O poeta, em punho a pena-digital...

Tecla pela página um clique.

Tem o peso de âncoras, poema.

É sempre moderno o eterno.

Um nome perturba o pensamento

Eu-coração, coliseu em ruínas

A ti amores, uma cama infinita de flores...

Perdi-me de Baudelaire depois do bulevar,

Invenção simbólica do humano ser.



LIVRE

ALSAMADA  
NUNCA ME ESTIVE AQUI,  
AÇA PARAÍSO QUEM SABE,

ANTES MIL EMARANTIMPAIS;  
GOTO CANTO, A VIDA É REVA,  
A NÃO VANTO, O INVÍDIAS,  
SIM, EM BUONA RORAS ENAS  
MATEINHA SÓ DE CARIES GRADU  
MÉDICAÇÃO DE MANDIM#ENEM  
MANTO INSCYLA JEL#ENESINA S

*Livro III*

PÓS-POETA





"Ardem sobre a Babilônia

Os filhos de Tântalo deus e Caos"

## A senzala<sup>1</sup>

A toca de Golias

trago o último,

quintessência de nós

para além dos pórticos

para o cosmo infindo,

onde dorme

em mansidão tranqüila de manhã.

"Ardem sobre a Babilônia  
Os filhos de Tântalo deus e Caos"  
A casa do Índio  
A toca de Golias  
trago o último,  
quintessência de nós  
para além dos pórticos  
para o cosmo infindo,  
onde dorme  
em mansidão tranqüila de manhã.

Eu nunca mais aqui

Eu nunca mais aqui  
por entre livros e escolhas entre idéias

por entre livros e escolhas entre idéias

Banido pra depois de lá...

Banido pra depois de lá...

Da Biblioteca de Alexandria

Da Biblioteca de Alexandria

Hoje, ontem será  
criação tão rara  
Que enlouquece a criatura.

Hoje, ontem será

1 Poesia publicada pela 1ª vez na edição nº 0 da Trasa Revista - 2009  
criação tão rara

Que enlouquece a criatura.



um bando de corujas tortas  
 comédia de loucos, teatro das bestas,  
 Releituras de conceitos, negação do óbvio  
 Enobrecer o tolerável, navegar no ócio  
 Ops! Cactos para o escritor.

um bando de corujas tortas  
 comédia de loucos, teatro das bestas  
 Releituras de conceitos, negação do óbvio  
 Enobrecer o tolerável, navegar no ócio  
 Ops! Cactos para o escritor.

Do outro  
 Como se num orbe distante descansa  
 Teu semblante  
 dormindo na imensidão.

Ápice no excesso de ser mais humano!  
 Ápice no excesso de ser mais humano!

Só  
 Se  
 Lá  
 For  
 que não haja  
 Entre vós novos hieróglifos...  
 trago último,  
 queimando oceanos inteiros,  
 multidão de pensamentos,  
 um caos em eus

Só  
 Se  
 Lá  
 For  
 que não haja  
 Entre vós novos hieróglifos...  
 trago último,  
 queimando oceanos inteiros,  
 multidão de pensamentos,  
 um caos em eus

# É esta poesia que não consola

e resiste,  
capital digital de símbolos do dia-dia,  
não ser, incrédulo espírito,  
societal o anti-Estado vegetativo.

Filosofia antiplutônica,  
[cência-lei  
dos pensamentos em que me envolvo,

Nave plana na neblina,  
De ti, até a idéia pequenina.

é esta poesia que não consola  
é esta poesia que não consola  
é esta poesia que não consola  
é esta poesia que não consola  
é esta poesia que não consola

# O Futebol

Zico aos domingos  
ofuscando o sol...  
uma vez me disse um poeta  
mas eu sem saber respondi  
não fiz muito mais que calar.  
Então veio assim.

---

As redes em pensamentos,  
 E a cultura transforma em  
**Enquanto**  
**aquele**  
**sustém**  
 Sativa a sondagem do absurdo.

As redes em pensamentos,  
 E a cultura transforma em  
 Grau e trabalho, aço-te con-  
 Creto imagem destilada,  
 Sativa a sondagem do absurdo.

Lírica digital, virtualmente  
 Dispersa em realidades outras,  
 Cotidianos eutros essa humanidade  
 Anti-pós-natureza, impossível  
 geografia.

Gramática hermética, teus signos,  
 Sociedade. Imprevisto alarme.

Poética III, Estação invernal  
 Esta idéia de tua esfera,  
 Incontida a paciência  
 Para além da teoria:

Poética III, Estação invernal  
 Sistemas arquitetam estruturas  
 Esta idéia de tua esfera,

Incontida a paciência

Para além da teoria:

Sistemas arquitetam estruturas

# Em pixels e usb

A tecnologia manifestou-se  
 É o não-fim da luta-de-classe:  
 Que estampa-te as face:

Improváveis transeuntes  
 Lapso na história das  
 Culturas, elo-navalha  
 Entre o ser e sua natureza:

E o homem engendra  
 sua maior antítese  
 sua auto-imagem  
 improvável arquitetura..

Estrutura precária  
 Coração ativista  
 Impossível abstração  
 Qual lego se arquiteta:

A civilização poli-étnica  
 Fato incondicional da história  
 uma multidão em trajetória

Ethos  
 Quarks  
 Quanto  
 Bangs-  
 Dogs big, the lost soul  
 Are playing letters in saloon

## Jueves, 10/06/2010

Nova nave ambigüidade,  
Inconstante novidade, a vida.

Colunas e 1 página, estilística  
Que estica a estética, elã.

Não sou louçã, infância literária  
Incontida,

Não sou louçã, infância literária  
Incontida,

Resguarda na História  
A notícia que o novo se move  
Plástico-acústico no ar.

Resguarda na  
História  
A notícia que o novo se move  
Plástico-acústico no ar.

# Aperfeiçoar o espírito e/ou aproximar o ser do tempo.

Transfigurar a realidade

Reinventar o tempo

Apropriar-me culturas outras

Transfigurar a realidade

Reinventar o tempo

Apropriar-me culturas outras

Ser-nos eutros, supra-  
consciência

My soul is the world!

Pois que habitam-nos  
heranças,

estrangeiros ancestrais.

Universo em constante  
dispersão,

A diversa universidade

Engendrar teorias

Desfazer teoremas

Poder, enfim, amar

Literatura...

Orgânica ciência a língua,

O cinema.

Antroposociopolítica

Das civilizações

Transcendendo culturas

E sociedades.

Literatura...

Orgânica ciência a língua,

O cinema.

Antroposociopolítica

Das civilizações

da primeira semana  
**No último dia**  
 de aula,

da primeira semana em plena sexta-feira  
 de aula,

Foi que como em plena sexta-feira

Em Cachoeira,

A natureza das circunstâncias

Houvesse mudado.

As idéias em turbilhão

atravessam as paredes da razão

excede a própria essência

contida no invento do real.

É a ciência da filosofia do momento

Perturba axiomas ancestrais

Depois nos debrucemos

Sobre o fato acontecido

Previsto, precipitado.

A noite em festa no salão

Fruição corpoética...

Nem Holmes, Poirot ou Poe pesariam

A anedota do mistério fantástico

O rapto-desaparecimento momentâneo

Nem Holmes, Poirot ou Poe pesariam

A anedota do mistério fantástico

O rapto-desaparecimento momentâneo

ESCRITOR



## ESCRITOR

Das palavras atleta,

# Escritor

Seu treinador, Poeta.

Das palavras atleta,  
Seu treinador, Poeta.

O verso adestra  
Sua mão mestra

Não cansa, nem parte,  
Avança os scombros da Arte.

Efêmero quarto obscuro  
Passagem por cima do muro  
Avança os scombros da Arte.

Do quintal das idéias,  
Suplanta a matéria, memória

Efêmero quarto obscuro  
Se alarga, sucursal da história...  
Implode a essência

Ocultas lembranças, reticências.

Do quintal das idéias,  
Suplanta a matéria, memória

Se alarga, sucursal da história...  
Implode a essência

Ocultas lembranças, reticências.

# Expurgação

E a "realidade" mais uma vez  
 Aturde consciências  
 Em desencanto eterno  
 E o hoje engrandece  
 (inda mais) o ontem.

Decola outrantas fronteiras  
 De um mesmo lugar,  
 Eclipse, sombra,  
 Lago ou profundo mar...

E a "realidade" mais uma vez  
 Aturde consciências  
 Em desencanto eterno  
 E o hoje engrandece  
 (inda mais) o ontem.

Hierárquicas vontades, desmandos  
 A então super-culturalizada civilização  
 Desmonta.  
 Abrolhos de estilhaços se espraiam pelo indefinido

Sim, camaleônico estado,  
 Metamorfo constante...  
 Nem Gregor Samsa saberia a sensação...  
 Sondar as profundezas,  
 o absurdo abismo turbilhona,  
 redemoinho os momentos,  
 instantes pré-cáries  
 não se submetem as frágeis leis da memória  
 incompleta é sempre a história.

matéria que no vácuo se abandona  
 etéreo no obvio se transborda  
 etérea verdade de fingir-se  
 Já não mais longe  
 Precípua passear precipícios  
 Rejuvenescer o olhar  
 de si acerca do outro  
 Ethos quânticos são precisos  
 Supor operar as peças e as cartas  
 E o primogênito de copas abstrai o tabuleiro  
 O anacronismo de nunca ter sido  
 Mero espectro do intelectual de outrora e de hoje  
 EM OUTROS MARES BIOLÓGICOS  
 Nautragastes,  
 Gastaste o extase  
 Qual numa hiperbólica catarse  
 Analítica que se ramifica  
 E perturba

Foi deslocado o eixo  
 Organismo sem órbita  
 Per si constante  
 Esquecer-se

Lamparinar pensamentos  
 Creptilar o dia  
 Sombrancelhar o tempo  
 Antecipar(inconstantes)  
 Estruturadas estruturantes estruturas...

Fluido fluxo de capitais,  
 E indivíduo cosmopolita se esmera  
 Em lapidar culturas eutras,  
 Línguas, outras  
 E ser-se longe solipsismo  
 Das circunstâncias, enfim  
 Social-nilismo dominante  
 Descrever sociedades e seus hábitos  
 Diz cre ver

Paradigma incerto, o do  
 Desterro na experiência cotidiana

Ciência, obscura essa  
 Tal natureza, fugidia  
 Certeza, um só  
 Gloc temporal, deslocalização  
 Espaço-global em pensarés...

Ação que desrealiza,  
 Imaterial nevoeiro que se apresenta  
 Inevitável a tecnologia, fatalista a  
 Sociedade

Inoxidável arquitetura,  
 Material objeto análogo ao real,  
 Sujeito sujeito objetivado.

Descaso ao caso orgânico,  
 E o ser cada vez menos intelectual  
 Fac-simile dos simulacros da civilização  
 Ingloria a função de transcender  
 Universos outros,  
 Eutrificadas lucubrações  
 Acerca do que não há  
 Entre o indivíduo e o infinito.

Decola outrantas fronteiras  
 De um mesmo lugar,  
 Eclipse, sombra,  
 Lago ou profundo mar...

Incontida a dízima que não cessa  
 E o dízimo não me peça,  
 Ser laico, louco eremita,  
 Hermes descalço, hermeneuta  
 Que esqueceu estratégias .  
 Mil bandeiras tem uma nação,  
 Um território em si contém  
 Ulterior segredo da expansão.

Hierárquicas vontades,  
 desmandos  
 A então super-culturalizada  
 civilização  
 Desmonta.  
 Abrolhos de estilhaços se  
 espraiam pelo indefinido

Sim, camaleônico estado,  
 Metamorfo constante...  
 Nem Gregor Samsa saberia a  
 sensação...  
 Sondar as profundezas,  
 o absurdo abismo turbilhona,  
 redemoinho os momentos,  
 instantes pré-cáries  
 não se submetem as frágeis leis  
 da memória  
 incompleta é sempre a história...

matéria que no vácuo se  
abandona  
efeito no óbvio se transborda  
etérea verdade de fingir-se  
Jhá não mais longe,  
Precípua passear precipícios  
Rejuvenescer o olhar  
de si acerca do outro  
Ethos quânticos são preciso  
Supor operar as peças e as cartas,  
E o primogênito de copas abstrai  
do tabuleiro  
O anacronismo de nunca ter ido  
Mero espectro do intelectual de  
outrora e de hoje.

## EM OUTROS MARES BIOLÓGICOS

Naufragastes,  
Gastaste o êxtase  
Qual numa hiperbólica catarse,  
Analítica que se ramifica  
E perturba.

Foi deslocado o eixo,  
Organismo sem órbita  
Per si constante,  
Esquecer-se.

Lamparinar pensamentos  
Crepitar o dia,  
Sombrancelhar o tempo,  
Antecipar(inconstantes)  
Estruturadas estruturantes  
estruturas...

Fluido fluxo de capitais,  
E individuo cosmopolita se  
esmera

Em lapidar culturas eutras,  
Línguas outras,  
E ser-se longe solipsismo  
Das circunstâncias, enfim,  
Social-nilismo dominante  
Descrer sociedades e seus  
"habitus" ,  
Diz crê ver

Paradigma incerto o do  
Desterro na experiência cotidiana

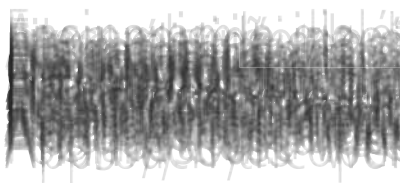
Ciência obscura essa  
Tal natureza, fugidia  
Certeza, um só  
Gloc temporal, deslocalização  
Espaço-global em pensares...

Ação que desrealiza,  
Imaterial nevoeiro que se  
apresenta,  
Inevitável a tecnologia, fatalista a  
Sociedade.

Inoxidável arquitetura,  
Material objeto análogo ao real,  
Sujeito sujeito objetivado.

Descaso ao caso orgânico,  
E o ser cada vez menos  
intelectual  
Fac-símile dos simulacros da  
civilização,  
Inglória a função de transcender  
Universos outros,  
Eutrificadas lucubrações  
Acerca do que não há  
Entre o indivíduo e o infinito.

# Aqueles aquém os filósofos



Ensinarão a dialética  
 , aos pais de ideologias malditas  
A essa legião de contas-entes-ligadas  
por uma idéia-práxis,  
Fibra-óptica-tensão em movimento constante  
constante movimento

E a realidade não cansa  
Manhã que não cessa,  
Diário metacrítico  
Há revolução...

Luas outras brotarão  
No céu diurno  
E a feição dos prédios  
Empalidecerá,  
Cairá um tom o pensamento,  
Deslocada a realidade do instante  
Efêmero trago que se arrasta  
Na imensidão.  
Fugiste futuro inalcançável  
Fôlego que sustenta-se.  
Armadilha constante  
Esta chuva noturna  
Há deus...



.....  
 De pólvora e mel, desafia o pincel,  
 Cada manobra brisa solitária , arisca trajetória  
 O mistério não cansa, desvenda a lembrança  
 Precário contraste constante.

Condera-caturado indivíduo, em rótulos  
 e perfis imersos,caixa-preta de ideologias  
 as consciências.

Fora duvida, a vida;

Percurso no tragicômico trajeto

Sujeito em processo, ente-cultura,

Esse Eu incompleto estrutura inconstante

Dominante incerteza.

Nove Naves deslizando no azul

Raios em contínuos relâmpagos

Apagam da tarde o arco-íris de palavras

And lost land if recompose

Are the close windows

For my soul.

And my eyes opens for ever

Approach the world themselves.

Ser-pente em flor embalsamada

# Humano, ser,

Ser-pente em flor embalsamada

Grão- de-pólen , asa aziaga,  
Tempestade.

Vão intranquilo, de repente,

Tempestade.

As voltas, pelo baldio em noite

As voltas, pelo baldio em noite  
Se espraiair, correr o dia, crepúsculo ocular

Prender o tempo,  
sang, song,  
incensar o riso, visitar paraísos  
e transmigrar,

Respirar o culto, aspirar oculto enigma  
Entre os dedos... Fronteiras, terremotos,  
Cataclismos

Hecatombes anunciam... Transporte  
ao passo de mil léguas, submersas épocas  
decanto em fantasia, chispa o dia  
nas águas do vale.

E represa a idéia, labirinto da matéria,  
Trocãem-se as mascaras e o disfarce continua  
O mesmo.

Unico nervo que não cessa,  
improvisa a promessa  
e se esquivã do abraço,  
preservẽ o rastro.

E represa a idéia, labirinto da matéria,  
Trocãem-se as mascaras e o disfarce continua  
O mesmo.  
Unico nervo que não cessa,  
improvisa a promessa  
e se esquivã do abraço,  
preservẽ o rastro.



# “A Obra prima Desconhecida”

À matéria ainda não trabalhada

Por pontes de aço e pedra, cantai!!!  
Cantai além do rito...

Erguei mais alto, o bramido  
O bardo interrompido (há tempos)...

A bomba parte!! Em seu vôo esquecido  
Engravitando a gravidade, e eclode o crepúsculo  
[ ao  
despachar da tarde.

Sombros do real,  
Postes procuram pernas rostos retratos  
Mas nem os ratos restam nos esgotos, nas esquinas  
Desmancham-se as rimas, rios intermináveis  
Talvez pense—se um pássaro, mas pesam  
Ainda mais as falsas asas que o canto.



## A

Cápsula de olores, cristal de ilusão  
Termostato da clareza, branco enigma  
Tuas asas; pálida nau, nave navegando  
Na delícia astrolábica do eterno

Casulo alquímico em que se funde  
O incenso e pétalas raríssimas  
Precioso sândalo que da boca escapa  
Amalgama o tempo e não cansa retê-la

Traz na tez o Mar, a ira...  
Que pouso sem asas em lassidão...  
É foz onde esconde-se a bússola

A noite engole a imensidade  
Sua hora envolta em caos  
Silencia o todo em suas partes.

## Às fronteiras

Escafandro de fótons idos  
e em névoa imerso,  
esmaecido...

Não coube amor, em sua  
bagagem...  
Mímicos morfemas, Morfeu  
Assiste a correnteza ao  
Mar o carregar...

Arrastam almas pelas penas,  
E a porta range no sentido,  
Raciona-li-sensação...

E vence o tempo  
Esconde os dias na algibeira  
Escrevinha as horas no ocaso

Precipitar em mistérios  
sombrias antes vistas  
E é outro hoje ainda

Não mais deserto  
lapso no espelho  
Extingue-lhes os antolhos  
E todo o agora pode ver

Pirotecnia das idéias  
Verboriundo de si mesmo  
Apascenta seu ser moribundo

Escaravelho, que ao interior  
consome  
qual esfíngica idéia a corroer  
a razão

Em místico terreno  
Obumbra insigne imagem...  
Máscara que o todo veste.

Mistifica paisagem...

Hecatombes na história  
Despencam aos milhões as  
repúblicas  
Desmontam, scombros do  
acontecido

Tão precário saber  
fenômenos ocorrem todo  
tempo  
complexas, as estruturas  
transbordam

Na bolsa, Razão em baixa  
passo a passo pena ainda  
embora  
A última estrada.

Depois do campo obtuso  
Pensar mais não há ser...  
A fonte em fumos perfuma  
Lavra após lavra as  
fronteiras...

## Despeja o enigma

das auroras no céu de megatons...

compraria tijolos e remédios,  
Só estilhaços sem nexos  
reverberam na inexatidão  
da face d'água que murmura  
ao ver eclipsar-se o Orbe,  
paradeiro desconhecido,  
movimento anacrônico  
no não-espaco sem tempo  
em exercício constante  
de perplexidade  
não instantânea  
e não percebida.

## Lembrança futura

recordares esta voz vacilante,  
se a tarde em lamento  
a lembrança lavar-me...

recordaríeis o que me cabe;

recôndita ausência  
em cada esquina,  
não encontro,  
e cada estrela morre

Pois que de mim se derrama  
esta angústia-memória,  
esta verdade decrépita  
esta lunar solidão

qual quando ao cais  
atraca-se o crepúsculo,  
alvo negro nos rochedos,  
que as ondas rebatem  
despedaçam-se na espuma...



## Fatalismo acientífico <sup>2</sup>

A ciência  
Arde em meio a chuva  
No naufragar da tarde

Obumbram lentes a realidade  
Interacionismos consubstanciam  
A natureza equânime do ser

Entre a mística quântica  
E a  
Obviedade, paira imersa na  
Incerteza,  
A última análise  
Do acontecido

## Fatalismo acientífico <sup>3</sup>

A ordem no caos  
É a possibilidade de existir  
Outra saída, fora de qualquer realidade  
Além do que  
Toca aos olhos, depois,  
Ser-ente,  
Deus encapsulado na razão,  
Gênio prenhe nas idéias,  
E

Descartes tão distante e sem  
Método,  
Kepler, Kuhn e Kant coisificam-se,  
Filosoficam  
Pensamentos!.

---

2 Algo como um fatalismo russo de início de século!

3 Inscrito no prédio da Fundação Hansen Bahia, Cachoeira.

## Líricoisas

Foi em março  
O marco, do rio  
O braço...  
No Carmo, convenço-me  
que fleiras não  
existem.  
Foi tudo  
fortuito carma,  
Sem paz nem calma,  
Mar em sargaços  
Céleres estilhaços dos  
Porta-retratos.  
Da Rua inteira  
Em retalhos ,  
Cópias enchem  
Dias de cansaço.  
Mascara o metamórfico ser  
Em ti; conjunturado, natureza natimorta  
Em si;mero esmero.  
Se não nascem mais virgens  
nos jardins da  
Babilônica Beleza,  
E a dor é só mais uma,  
Ante o gozo holístico.

## 14 Estações para Valquíria.<sup>4</sup>

Herói que desconhece-se,  
Ser outro, mais que augusto

João, Febo, Delfos, Patmos

Consulta os orixás e seus búzios  
Acumulados nos abismos das cidades  
nas ruínas das noites.

Escorrendo pelas paredes as propagandas

Não,  
Nem mesmo a veria sentido  
em ser louco.

Agora brotam líquens sobre tua líquida  
lembrança.

Jaz mândida e tranqüila sobre  
o dorso sinuoso dum regato.

Pélago, hiato,  
Alargado intervalo e  
ntre  
a face e o espelho.

---

4 Poema publicado pela primeira vez no jornal Tribuna Popular de Marogijipe na edição de 15/07/2010 , Reconcavo sul da Bahia.

# Canto em duas Cordas para o vale do Paraguaçu

## I

### A Planície da Revelação

À minha querida avó, octogenária de fôlego,  
por possibilitar tal visão...

Canibais as silvícolas saúvas,  
É toda herança vã fortuna,  
A beleza corta-lhe a cabeça,  
qual Vênus sem braços...

Por nunca pôr a farda, mais  
gosto é de dar trabalho... Eu  
que de Garrincha as pernas  
tortas,  
Coringa nas cartas do baralho

Cavo no Recôncavo a cova...  
Ó, se- fico-me nos séculos  
inteiro  
À Ponte procura o canoeiro, o  
estaleiro é só mágoas e  
cansaços.

Foste dedilhar teus dígitos,  
Pilhar dos contêineres as  
cargas  
Foste digitar teus dísticos...  
Por desertos oceanos busquei

Um decassílabo nas décadas  
Em cada aeroporto, em cada  
Aurífera manhã, disforme...  
Fragmento na distância  
derramada

substância que evapora. A  
estrutura  
qual lego se desmonta,  
qualquer miragem  
sem ortografia, o segredo  
cinéreo  
Ao meio nevoeiro, o etéreo  
revelar...

Ondas que o vale amordaçam  
Vem esmigalhar mistérios,  
A líquida epifânica planície  
Que em taça o horizonte  
encerra... Amanhece...

Astrólogo dos séculos, que  
a tudo  
tem criado, enciclopédico  
animal  
sem óculos, os rins um dia o  
pararão, sinuosa  
alma em cruz ilhada entre  
montanhas.



## II

---

**Côncava Imagem**

Canhões e cais gravitando em tua órbita...

Desta teoria imprecisa  
Emerge arquitetura precária,  
Qual névoas do Himalaia  
Em seu cérebro mutante.

Das brumas revelam-se ninfas  
Em seu fluido...  
Eu, não sou bom com poemas  
Mais a pena insiste enfardar-me

Vós dizeis-me vagabundo,  
Não mas que o malandro  
Que perfeita sobre vós:  
Incrédulos e insensatos.

A corja as custa se nutre;  
O que és-tu, esfíngica-miragem?  
"Paraguaçu não é Senna".

Falsa fábrica de ânsias nervosas,  
Absurda indústria da fantasia.





Este livro foi composto com títulos em Rotis Semi  
Serif Bold 18/18 e corpo em Rotis Semi Sans 10/12.  
Fonte desenvolvida por Otl Aicher em 1988, com base  
no sistema métrico em vez do sistema de paucas, no  
formato de 10,5×16,9 cm, com mancha gráfica de  
7,85×11,46 cm, utilizando papel pólen 80g/m<sup>2</sup> no miolo  
e cartão supremo 250g/m<sup>2</sup> para a capa.